DIÁSPORA E INTERSECCIONALIDADE EM EU, TITUBA: BRUXA NEGRA DE SALÉM, DE MARYSE CONDÉ

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

WANDERLEY; Biancka Ellen Baracho [1], MAIOR; Maria Elizabeth Peregrino Souto [2]

RESUMO

DIÁSPORA E INTERSECCIONALIDADE EM EU, TITUBA: BRUXA NEGRA DE SALÉM, DE MARYSE CONDÉ

DIASPORA AND INTERSECTIONALITY IN MARYSE CONDÉ'S I, TITUBA, BLACK WITCH OF SALEM

Resumo: A produção literária de escritoras afrodiaspóricas constitui uma importante ferramenta para a compreensão das ausências de vozes por muito tempo silenciadas, constituindo-se assim como eixo central de interesse dos estudos pós e decolonias. Esses dois campos desempenham um papel crucial ao dar espaço para a experiência de povos colonizados através do texto literário produzido por escritoras com vivências no sul global, de experiências e perspectivas de populações que foram historicamente negligenciadas e marginalizadas cultural, social e economicamente. Ao explorar temas como identidade, diáspora, racismo estrutural, classicismo e sexismo, a autora guadalupense Maryse Condé traz à tona as complexidades e os efeitos dos processos de conquista europeia da atual América. Condé explora, em sua obra "Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem" (1986), as consequências das violências e dos apagamentos do colonialismo europeu sobre as comunidades originárias que experienciaram os traumas causados pela imposição cultural sobre um povo desapropriado de suas raízes africanas. Nesse contexto, a literatura francófona serve como ferramenta para recontar e reavaliar essas histórias de subalternidade, oferecendo uma perspectiva crítica da colonialidade e seus efeitos nas populações outrora colonizadas. O presente trabalho tem como objetivo, portanto, analisar os efeitos da diáspora nos corpos femininos representados na obra "Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem" (1986), da autora Maryse Condé. Ao explorar a história ficcional de Tituba, uma mulher negra escravizada acusada de bruxaria durante os julgamentos de Salem, Condé oferece uma reflexão sobre as verdades históricas institucionalizadas, oferecendo novas interpretações dos fatos que marcam e estigmatizam os corpos femininos em diáspora como violados e silenciados por ocasião dos deletérios processos coloniais. Nossa análise será amparada em conceituações propostas por teóricos pós e decoloniais, como Stuart Hall (2013), Patricia Hill Collins (2019) e Bell Hooks (1989), com enfoque nas maneiras através das quais a obra de Condé problematiza a experiência colonial.

Palavras-chave: Diáspora. Interseccionalidade. Maryse Condé.

Abstract: The literary production of Afro-diasporic women writers constitutes an important tool for understanding the absences of voices long silenced, thus forming a central axis of interest in post- and decolonial studies. These two fields play a crucial role in providing space for the experience of colonized peoples through literary texts produced by writers with experiences in the global South, offering insights into the experiences and perspectives of populations that have been historically neglected and marginalized culturally, socially, and economically. By exploring themes such as identity, diaspora, structural racism, classism, and sexism, Guadeloupean author Maryse Condé brings to light the complexities and effects of European conquest processes in the Americas. In her work "I, Tituba: Black Witch of Salem" (1986), Condé explores the consequences of the violence and erasures of European colonialism on indigenous communities that experienced the traumas caused by cultural imposition on a people stripped of their African roots. In this context,

[1] Universidade Federal da Paraíba, bianckawanderley16@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba, mepsmm@cademico.ufpb.br

Francophone literature serves as a tool to retell and reassess these stories of subalternity, offering a critical perspective on coloniality and its effects on formerly colonized populations. Therefore, the present study aims to analyze the effects of diaspora on female bodies represented in the work "I, Tituba: Black Witch of Salem" (1986) by author Maryse Condé. By exploring the fictional history of Tituba, a black enslaved woman accused of witchcraft during the Salem witch trials, Condé offers a reflection on institutionalized historical truths, providing new interpretations of the facts that mark and stigmatize diasporic female bodies as violated and silenced by the deleterious colonial processes. Our analysis will be supported by conceptualizations proposed by post- and decolonial theorists such as Stuart Hall (2013), Patricia Hill Collins (2019), and Bell Hooks (1989), focusing on how Condé's work problematizes the colonial experience.

Keywords: Diaspora. Intersectionality. Maryse Conde.

Introdução

A diáspora exerce um papel muito significativo dentro e fora da ficção quando tratamos sobre o processo de escravidão posto que esse foi largamente nutrido por um comércio transatlântico de pessoas escravizadas durante o período colonial. Referindo-se ao movimento disperso de um grupo étnico ou cultural específico, saindo na maior parte do tempo de sua terra natal, para diferentes partes do globo, o termo diáspora foi originalmente usado para aludir à dispersão do povo Judeu diante do exílio babilônico, oferecendo significado a continuidade cultura de um povo apesar do deslocamento da sua terra de origem (Melas, 2008). Na academia, tornou-se popular como o advento dos Estudos Culturais, com as reflexões de Edward Said e de Homi Bhabha, acerca da persistência da dominação imperial nas antigas colônias dos impérios europeus mesmo com o fim do colonialismo, posto que continuam em estado de perpétua dependência econômica e política dos centros de poder do norte global.

Tituba é uma figura já conhecida no imaginário americano. Há relatos de seu envolvimento com o famoso julgamento das bruxas de Salém em múltiplas obras literárias. Dentre elas, a mais famosa é provavelmente a peça alegórica *The Crucible* (1953), de Arthur Miller. Na obra, Tituba goza de um papel secundário e não tem a sua história narrada realmente, sendo relegada a conduzir alguns pontos da história que irão apenas beneficiar o desenvolvimento de outros personagens. Assim, mesmo presente, a história da vida de Tituba não era priorizada, sendo a sua figura vítima de estereotipação por séculos.

Contudo, ao escrever *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem*, Maryse Condé possibilita a sua protagonista de não apenas ter a sua história contada, mas também de poder narra-lá. Essa decisão prioriza a protagonista e lhe dá agência, e assim sua narrativa pessoal passa a ser um manifesto de libertação.

A diáspora e interseccionalidade no romance

Ao contextualizar a diáspora é possível compreender como o movimento de expulsão e relocação imposto aos povos colonizados os afetaram de modo deletério. Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2013) esclarecem que foi durante o processo de colonização, e o movimento de povoamento intencionado pelos europeus, que a diáspora tomou forma e passou a se desenvolver. Os europeus ao chegarem nas Américas tinham o objetivo de povoar a chamada “terra virgem” mesmo que já habitada por populações ameríndias diversas.

Por meio dessa prática ocorreu o movimento forçado de captura de povos na África. “O resultado disso foi o desenvolvimento, principalmente nas Américas, mas também em outros lugares como na Africa do Sul, de uma economia baseada na **escravidão**” (ASHCROFT, GRIFFITHS E TIFFIN, 2013, p. 82, grifo do autor, tradução nossa)[1]. Assim, é por meio da diáspora que os africanos, e posteriormente os afro-descendentes, passaram a ter o seu destino traçado desde a era da escravidão. Eles eram arrancados de seus lares e de suas culturas, e passaram a estar em uma posição de subjugo nas Américas, sob o controle dos colonizadores e dos senhores que os

[1] Universidade Federal da Paraíba, bianckawanderley16@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba, mepsmm@cademico.ufpb.br

compravam e vendiam como mercadorias.

A experiência diaspórica para a narradora-personagem Tituba em *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem* se inicia quando ela e seu parceiro John Indien são vendidos por Susanna Endicott para Samuel Parris. Na ocasião, Tituba reflete em como aquilo é nocivo para ela dada à estreita relação que tem com o local onde vive:

Eu entendi, quanto a mim, o plano horrível de Susanna Endicott. Era a mim, e somente a mim, que ela mirava. Era a mim que ela queria exilar na América. A mim que ela separava da minha terra natal, daqueles que eu amava e cuja companhia me era necessária. Ela sabia bem como eu podia retorquir (CONDÉ, 2019, p.37).

Tituba, que nasceu em Barbados, tem raízes culturais profundas naquele lugar. Apesar das situações aflitivas de sua vida, ela tornou aquele lugar o seu lar. Esse sentimento pode ser explicado por Hall (2013) ao falar como a experiência da diáspora ocasiona um movimento de resistência, que condiz muitas das vezes na construção de novas culturas, que surgem a partir da relação entre a cultura originária do indivíduo e da cultura que emerge do contexto ao qual está inserido.

Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo — dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” — não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas (HALL, 2013, p. 30).

Durante a diáspora, a relação entre passado e presente passa a ser observada nas ramificações que serão surgidas a partir das culturas e como elas se relacionam entre si. Para Hall (2013), a sociedade colonial é composta pela fusão de culturas de vários lugares, e é durante esse processo que fica claro os efeitos do movimento de ajuste e adaptação (ou não) do sujeito diaspórico em um novo lugar. Tal processo pode ser percebido na relação que Tituba estabelece com o judeu Benjamin Cohen responsável por comprá-la após o seu período na prisão. Ambos passam por seus respectivos conflitos que se conectam em razão do não pertencimento cultural naquele território que partilham.

Na verdade, a família de Benjamin era de Portugal, mas, por conta de perseguições religiosas, foram se refugiar na Holanda. De lá, uma parte foi para o Brasil, para o Recife para ser mais exata, e novamente tiveram que fugir quando a cidade foi retomada pelos portugueses. Em seguida, a família se dividiu em duas partes, um clã se estabeleceu em Curaçao, enquanto o outro tentava a sorte nas colônias da América (CONDÉ, 2019, p.103).

No entanto, os corpos que mais agudamente sofrem os efeitos da diáspora são os corpos desumanizados, ou “a coisa escravizada”, nas palavras da protagonista racializada Tituba. Esses corpos carregam as marcas da violência física e simbólica imposta pela escravidão e pela colonialidade, estando continuamente sujeitos a um regime de exploração e subjugação que nega sua humanidade e sua identidade. De igual modo, mulheres brancas como Elizabeth Parris e Hester também vivenciam a opressão, oriunda de forças patriarcais dominantes e moralizantes. As pressões sociais e religiosas as confinam a papéis limitados e subservientes, restringindo suas liberdades e desejos individuais. Ao contrário das duas mulheres brancas da narrativa, Tituba sabe usufruir sexualmente do seu corpo, se permitindo diferentes experiências amorosas, mantendo ritos ancestrais e desafiando, assim, valores cristãos.

Ela ressignifica sua existência através da manutenção de suas práticas culturais e espirituais, encontrando uma forma de resistência e afirmação de sua identidade. “Meu homem negro e eu, nós não ouvíamos nada, pois perecíamos no amor.” (CONDÉ, p.125). Essa afirmação simboliza não apenas uma transgressão dos valores puritanos, mas também um ato de liberdade e autodeterminação em um contexto de opressão. Tituba, portanto, representa a resiliência e a força dos corpos escravizados que, mesmo em meio a tanta adversidade, encontram maneiras de preservar sua humanidade e sua cultura.

[1] Universidade Federal da Paraíba, bianckawanderley16@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba, mepsmm@cademico.ufpb.br

A trajetória de Tituba na narrativa corresponde a uma série de enfrentamentos. O primeiro deles é o confronto colonial, contra a dona da plantation, Susanna Endicott, a quem Tituba desafia. Susanna representa a autoridade colonial e patriarcal que exerce controle absoluto sobre a vida de Tituba. Ela é a figura que inicialmente estabelece o ambiente de dominação e subjugação na qual Tituba se encontra. A protagonista enfrenta Endicott através de pequenos atos de desafio e resistência à autoridade.

Mesmo dentro das restrições impostas pela escravidão, Tituba encontra maneiras de afirmar sua dignidade e confrontar a supremacia colonial europeia, representada por Endicott. Um exemplo disso é quando Tituba se recusa a ser completamente subjugada pela opressão, mantendo seus rituais e práticas culturais vivas. Essa resistência cultural é um ato de provocação direta, que representa uma rejeição da total assimilação e aniquilação cultural que a escravidão impõe.

Em segundo lugar, observa-se que Tituba é vítima de opressão de gênero quando é vendida ao Reverendo Parris e forçada a migrar para Boston já que sua posição de escravizada não lhe permite se opor ao destino que lhe cabia enquanto pessoa negra. Em território estadunidense, Tituba enfrenta o abuso sexual. O terceiro embate da protagonista é de classe, quando passa a conviver com os Parris como serva doméstica, e a zelar pela integridade da pequena Betsey, que a acusa de bruxaria. O quarto enfrentamento da protagonista é cultural, uma vez que mantém sua ancestralidade e fidelidade aos ritos autóctones de Barbados em meio à caça às bruxas. Não podemos de pontuar o embate político, em maior escala, que a personagem central do romance de Condé conduz uma vez que vem a diretamente confrontar, já em solo caribenho, as forças coloniais em uma rebelião armada ao lado do seu amante Iphigene. Cada um desses enfrentamentos revela camadas de opressão e resistência que marcam a trajetória de Tituba, ilustrando a complexidade de sua luta pela sobrevivência e dignidade.

A obra de Condé dialoga, portanto, com o conceito de "Talking back" discutido por bell hooks. Para hooks, "Talking back" é um ato de rebelião consciente contra a autoridade dominante, um processo de reivindicação de voz e espaço para aqueles historicamente silenciados e marginalizados. Em suas palavras, “Talking back was a form of conscious rebellion against dominating authority” (hooks, p.xi). Ao desafiar as múltiplas formas de dominação que a cercam, Tituba encarna essa rebelião consciente, usando sua voz e ações para resistir e afirmar sua existência contra as forças opressoras que tentam silenciá-la. Assim, a narrativa não apenas retrata a resistência individual da protagonista, mas também serve como uma poderosa metáfora para a luta coletiva dos oprimidos pela emancipação e reconhecimento.

Para analisar Elizabeth Parris e Hester no romance à luz da teoria da interseccionalidade proposta por Patricia Hill-Collins (2000), é essencial entender os principais conceitos da teórica feminista negra. Hill-Collins é conhecida por sua contribuição ao pensamento feminista negro, destacando a interseccionalidade e as "matrizes de dominação". Estes conceitos exploram como as diferentes formas de opressão — raça, gênero, classe e sexualidade — interagem entre si.

Elizabeth Parris, filha do Reverendo Samuel Parris, em cuja casa Tituba vive como escrava, é uma criança influenciada pelo ambiente puritano e pelas tensões raciais e de gênero da época. Sob a perspectiva de Collins, Elizabeth pode ser vista como um produto da interseccionalidade: apesar de ser mulher e, portanto, sujeita à opressão de gênero, ela ocupa uma posição de privilégio racial e social em relação a Tituba. Collins argumenta que o poder e a opressão são multifacetados e interligados. Betty, sendo uma jovem branca em uma sociedade escravocrata, possui uma posição de privilégio que lhe permite influenciar eventos de tal maneira que uma criança negra ou uma escrava, como Tituba, não poderia. No contexto da histeria das bruxas de Salem, a vulnerabilidade de Betty como mulher é completamente interligada com seu privilégio racial, demonstrando a matriz de dominação que Collins descreve.

No caso de Hester, inspirada na personagem Hester Prynne de "A Letra Escarlate" de Nathaniel Hawthorne, vemos que é representada no romance de Condé como uma mulher que desafia as normas puritanas e patriarcais através de seu adultério. Na obra de Hawthorne, após trair o marido, Hester Prynne é forçada a usar uma letra "A" escarlate em seu peito como um símbolo de vergonha. Na sociedade puritana do século XVII onde vive, extremamente rígida e punitiva em relação às normas morais e comportamentais, especialmente para as mulheres, Hester vai

[1] Universidade Federal da Paraíba, bianckawanderley16@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba, mepsmm@cademico.ufpb.br

enfrentar ostracismo e julgamento pelos seus atos. Entretanto, ao longo do romance, ela cresce em força e dignidade, ajudando os necessitados e criando sua filha sozinha. Diferentemente da obra de Hawthorne, Condé delineia suas personagens de modo distinto em seu romance, já que na narrativa Hester e Tituba desenvolvem uma amizade que transcende as barreiras raciais e sociais. Hester, sendo uma mulher branca que sofre devido à sua transgressão sexual, ilustra como o patriarcado e as normas de gênero podem oprimir independentemente da raça. No entanto, sua experiência de opressão ainda é marcada pelo seu privilégio racial.

A teoria de Collins nos ajuda a entender como as experiências de opressão de Hester e Tituba são marcadas por convergências e divergências. Ambas são mulheres que enfrentam o patriarcado, mas ser branca confere certos privilégios a Hester que Tituba não possui. Collins destaca que as "matrizes de dominação" são compostas por diferentes formas de opressão que não podem ser entendidas isoladamente. Segundo a autora, "sistemas de opressão interagem de maneira complexa, e essas interseccionalidades estruturam as relações de poder nas sociedades" (Collins, 2000, p. 299). No caso de Tituba, sua opressão é uma intersecção de raça, gênero e classe, enquanto para Hester, a opressão é principalmente de gênero, mas atenuada por seu privilégio de pertencer à raça branca.

Ao analisar essas personagens através da lente de Collins, fica claro que as interseccionalidades de opressão moldam suas vidas de maneiras complexas. Elizabeth Parris, embora branca, ainda é uma mulher sujeita à opressão de gênero. Hester, por outro lado, desafia as normas de gênero, mas permanece dentro de um contexto racial que lhe oferece certas proteções. Tituba, no entanto, é constantemente esmagada pela totalidade da matriz de dominação, sendo mulher, negra e escrava.

Portanto, a leitura de "Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem" com base na teoria de Patricia Hill-Collins revela as complexidades das relações de poder e opressão, destacando como cada personagem navega seu próprio conjunto de interseccionalidades. Essa análise ilumina a profundidade da opressão que Tituba enfrenta, ao mesmo tempo que expõe as nuances dos privilégios e opressões vividas por Elizabeth e Hester. Conforme Tituba narra: "Mas o que pesava mais sobre mim era o peso de minha condição de negra e escrava" (CONDÉ, 2009, p. 85). Essa passagem sublinha a importância da interseccionalidade, um conceito central proposto por Hill-Collins, que argumenta que as opressões não podem ser entendidas isoladamente, mas sim em sua interligação complexa. Para Tituba, ser uma mulher negra e escravizada é viver uma realidade onde cada aspecto de sua identidade agrava a opressão que enfrenta.

Conclusão

A análise de "Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem" de Maryse Condé, contextualizada pelas teorias de Stuart Hall (2013), bell hooks (1989) e Patricia Hill Collins (2000), revela as camadas complexas e multifacetadas de opressão e resistência enfrentadas por Tituba e outras personagens. Através das lentes dessas teóricas, compreendemos como a diáspora e a escravidão moldaram as vidas dos indivíduos forçados a migrar e viver sob regimes de dominação colonial e patriarcal.

Stuart Hall (2013) nos fornece uma compreensão essencial da diáspora como um fenômeno que gera novas culturas a partir da interação entre as culturas de origem e as culturas emergentes nos contextos coloniais. A experiência de Tituba exemplifica essa fusão cultural e a resistência que surge dela. Mesmo arrancada de sua terra natal e submetida a condições brutais de escravidão, Tituba mantém suas práticas culturais e espirituais, construindo uma identidade resiliente e resistente à dominação.

Bell hooks (1989), com seu conceito de "Talking back", ilumina a resistência ativa e consciente de Tituba contra as múltiplas formas de opressão que enfrenta. Ao usar sua voz e ações para desafiar a autoridade dominante, Tituba transforma sua existência em um ato de rebelião. Sua narrativa se torna um símbolo poderoso de emancipação, onde a voz de uma mulher negra e escravizada rompe o silêncio imposto pela opressão.

[1] Universidade Federal da Paraíba, bianckawanderley16@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba, mepsmm@cademico.ufpb.br

Patricia Hill-Collins (2000), através da teoria da interseccionalidade, nos ajuda a entender as complexas interações entre diferentes formas de opressão — raça, gênero, classe e sexualidade. A análise das personagens Elizabeth Parris e Hester revela como essas interseccionalidades estruturam suas experiências de maneira única. Elizabeth, apesar de sua opressão de gênero, desfruta de privilégios raciais e sociais, enquanto Hester enfrenta normas patriarcais, mas permanece protegida por seu privilégio racial. Tituba, por outro lado, está no epicentro dessa matriz de dominação, enfrentando a totalidade das opressões como mulher, negra e escravizada.

A trajetória de Tituba na narrativa de Condé é marcada por uma série de enfrentamentos coloniais, de gênero, de classe e culturais. Cada um desses enfrentamentos revela camadas de opressão e resistência, ilustrando a complexidade de sua luta pela sobrevivência e dignidade. Ao final, Tituba ressignifica sua existência através da manutenção de suas práticas culturais e espirituais, encontrando formas de resistência e afirmação de sua identidade.

À guisa de conclusão, "Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem" não apenas narra a resistência individual de Tituba, mas também se apresenta como uma poderosa metáfora para a luta coletiva dos oprimidos pela emancipação e reconhecimento. A obra de Condé desafia a linearidade da história oficial, trazendo à tona as vozes silenciadas e destacando a importância da resistência e da resiliência em meio à opressão. A história de Tituba é um testemunho da força e da perseverança dos corpos femininos marginalizados, oferecendo uma visão crítica e profunda das interseccionalidades de poder e resistência na era da escravidão e colonização. Assim, a narrativa de Condé serve como um farol de esperança e resistência, iluminando o caminho para a emancipação e a justiça social.

Nota de rodapé:

[1] “The result of this was the development, principally in the Americas, but also in other places such as South Africa, of an economy based on slavery.”

Referências bibliográficas

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. Post-Colonial Studies: The Key Concepts. 3. ed. London e New York: Routledge, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. 2. ed. New York: Routledge, 2000.

CONDÉ, Maryse. Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo horizonte: UFMG, 2013.

HAWTHORNE, Nathaniel. A Letra Escarlate. São Paulo: Editora Penguin-Companhia, 2011.

HOOKS, Bell. Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black. Boston: South End Press, 1989.

Melas, Natalie. “Pays Rêvé, Pays Réel —: Créolité and Its Diasporas.” Aftermaths: Exile, Migration, and Diaspora Reconsidered, edited by MARCUS BULLOCK and PETER Y. PAIK, Rutgers University Press, 2009, pp. 103–32. JSTOR, http://www.jstor.org/stable/j.ctt5hj73j.9. Accessed 12 Jan. 2024.

MILLER, Arthur. The Crucible. Penguin Classics, 2003.

[1] Universidade Federal da Paraíba, bianckawanderley16@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba, mepsmm@cademico.ufpb.br

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora, Interseccionalidade, Maryse Condé

[1] Universidade Federal da Paraíba, bianckawanderley16@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba, mepsmm@cademico.ufpb.br